

INTERTEXTUALIDADE ENTRE “MENSAGEM” E “OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO NACIONALISMO DE PESSOA E DE CAMÕES, RESPECTIVAMENTE, NAS DUAS OBRAS

Laís Gerotto de Freitas Valentim¹

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo comparar o nacionalismo português de Fernando Pessoa e Luís Vaz de Camões por meio de suas respectivas obras Mensagem e Os Lusíadas. Para tanto, falaremos um pouco sobre a Literatura Portuguesa, além de analisarmos os conceitos de intertextualidade, nacionalismo entre os dois poetas e as características do herói em cada uma das obras. A análise feita nos permite entender que tanto em uma obra quanto em outra, o nacionalismo - o amor à pátria - está presente ora de maneiras iguais e ora de maneiras diferentes. Porém, o objetivo de ambos os poetas é um só: a exaltação do povo português e de Portugal.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, intertextualidade, nacionalismo, literatura portuguesa.

Abstract:

This study aims to compare the portuguese nationalism of Fernando Pessoa and Luís Vaz de Camões by means of respective opuses Message and The Lusiad. For this, we will discuss a little about Portuguese Literature, further, we will analyze the concepts of intertextuality, nationalism between the both poets and characteristics of hero in the both opuses. This analysis is to do understand that as an opus as the other opus, the nationalism - love of their country - stand by similarities and differences. However, the aim of the both poet is one: exaltation of portuguese people and Portugal.

Keywords: Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, intertextuality, nationalism, portuguese literature.

Um pouco sobre a História da Literatura Portuguesa

Trataremos aqui sobre o movimento de grande cunho cultural e filosófico na Europa como um todo: O Renascimento.

O Renascimento teve início na Itália e trouxe grandes descobertas no mundo das artes, da literatura, do comércio, da filosofia, da astrologia e de outras atividades industriais. Diferentemente do Trovadorismo, o Renascimento valorizava a cultura greco-romana e colocava o homem como centro do universo (era a famosa teoria do Antropocentrismo). Duas grandes descobertas que mais contribuíram para o avanço da Europa nessa época foram: a tipografia e as grandes navegações. Como afirma Antônio José Saraiva e Oscar Lopes no livro História da Literatura Portuguesa:

O descobrimento do caminho marítimo para a Índia e o da América – ambos rapidamente divulgados pela imprensa – assim como o encontro de civilizações desconhecidas, como a chinesa, modificam as concepções

multisseculares do Europeu acerca do planeta, dos costumes e das crenças (SARAIVA, LOPES, 2010, p.172)

Porém, com o *Quattrocento* italiano (século XV ao XVI) passa-se do Renascimento ao Humanismo que nada mais é que novos métodos histórico-filológicos que surgem. Eles explicam:

O Humanismo adoptou como modelos as regras, os gêneros, as formas métricas, os recursos estilísticos, a disciplina gramatical dos antigos autores gregos e romanos. Não cabe considerar-se aqui o uso das línguas literárias clássicas, que pôs os seus próprios problemas de adaptação vocabular e fonética então muito debatidos. Problemas ainda mais graves punha-os a adaptação das línguas modernas ao estilo antigo. As normas literárias prescritas pela *Poética* de Aristóteles, pela *Arte Poética* de Horácio, pelos preceitos retóricos de Cícero, Quintiliano e Plínio, o Moço, só limitadamente poderiam aproveitar aos escritores quatrocentistas e quinhentistas, de mentalidade diferente (embora nem sempre tendo consciência disso) e embaraçados por um meio lingüístico também diferente, que não permitia, por exemplo, a versificação antiga. (SARAIVA, LOPES, 2010, p. 175)

Paralelo a esses dois movimentos, surge também o Classicismo.

Em Portugal, podemos dizer que a Corte Portuguesa difundiu esses movimentos lá e, a partir daí, tornou-se obrigatória a difusão da cultura literária e também o aprendizado da gramática no país. Tais movimentos foram de grande importância para os portugueses; principalmente, as grandes navegações. Vejamos:

Como iniciadores dos Descobrimentos marítimos, os Portugueses tiveram um grande papel no Renascimento. As viagens ao largo da costa africana exigiam numerosos aperfeiçoamentos, adaptações e invenções técnicas. O astrolábio, instrumento utilizado pelos astrólogos, foi adaptado à determinação das latitudes e do mar. O conhecimento dos ventos e das correntes marítimas contribuiu muito para a determinação da rota que permitiu dobrar o cabo da Boa Esperança. (SARAIVA, LOPES, 2010, p. 179)

Foi no Humanismo que surgiu Camões, uma das grandes e mais determinantes personalidades da metade do século para Portugal, e António Ferreira.

Passaremos agora a falar sobre outro movimento de destaque que teve origem nas vanguardas europeias e também teve grande repercussão na Europa e no mundo, por revolucionar as artes: O Modernismo. Em Portugal, especificamente, vale a pena falar de uma geração talentosa e uma das que mais contribuiu para isso: A Geração Orpheu.

A Geração Orpheu foi assim denominada porque os primeiros modernistas, aqueles que introduziram o Modernismo em Portugal, revolucionaram as artes e as letras no país e criaram a revista Orpheu a qual teve duas publicações em 1915. Faziam parte desse grupo: Mario de Sá Carneiro, Almada-Negreiros e Fernando Pessoa.

A obra de Pessoa é rica em todos os sentidos: vocabulário, temas, imaginação, criatividade - podemos entender por criatividade a criação dos três heterônimos famosos do poeta e cada um deles tem uma personalidade, um jeito de escrever e sabemos distingui-los por meio disso. Por ser um homem muito culto, Pessoa sabe usar muito bem a linguagem. Sobre isso, diz Saraiva e Lopes:

Pessoa apreende, assim, todo um conjunto de vivências, intuições, em pleno conflito. A explícita carga inquisitiva da sua poesia é inesgotável, e seria necessário ir a Camões para encontrarmos na literatura um poeta comparável sob este aspecto. Quase não há recanto na sua personalidade que não tenha noutro recanto uma antítese justa, mas também precária. (SARAIVA, LOPES, 2010, p. 999)

Sobre a comparação com Camões feita na citação acima, os autores fazem-na ainda em outras passagens do livro:

Tudo criticando ou desvalorizando, depois de anulado qualquer sentido do progresso, o espírito reflexivo de Pessoa acaba, em certos momentos, por desvalorizar a sua própria razão humana. Daí um estado de

disponibilidade para todos os *fingimentos*, desde um supersaudosismo irônico ao supersebastianismo de um Quinto Império Espiritual português (de que ele seria o super-Camões), à astrologia e outras *ciências ocultas*. E, alternativamente com isso, e por isso mesmo, uma <<terrível estranheza de existir>>, um acordar para a <<misteriosa importância de existir>>, que preludia o existencialismo de meados do século. (SARAIVA, LOPES, 2010, p. 1000)

E, por fim, nesta outra:

Fernando Pessoa pertence, com efeito, como Bernardim, Camões e Antero de Quental, a uma categoria de poetas em que uma apreensão das próprias contradições do sentir corresponde, formalmente, ao predomínio de ritmos sempre de algum modo verbais sobre a evocação de objectos plásticos. (SARAIVA, LOPES, 2010, p. 1002)

A comparação feita só nos reafirma que Pessoa e Camões estão afastados pelo tempo, porém próximos quando o assunto é a “genialidade poética” e importância cultural para Portugal.

Sobre Pessoa, dizem ainda ao citarem uma das principais obras dele – que por coincidência é nosso objeto de estudo - Mensagem: “ “A vida (segundo sugere, ou explícita de um modo aliás sempre dúbio, em símbolos esotéricos rosa-crucianos, ou bandarristas na Mensagem) só poderia ter um sentido oculto, no seu todo pessoal, nacional ou humano.” ” (SARAIVA, LOPES, 2010, p. 1000)

E complementam: “ “Todavia, é Fernando Pessoa o poeta que anula toda a metafísica mais corrente (e inconsciente) acerca do mundo e da personalidade. Apesar do seu namoro com as ciências ocultas [...]” ”(SARAIVA, LOPES, 2010, p. 1000)

O conceito de intertextualidade²

A palavra intertextualidade tem raiz latina e significa: Inter – no interior de dois + textus – fazer tecido, entrelaçar. Portanto, podemos dizer que intertextualidade é um texto que faz referência a outro texto. Segundo o dicionário Houaiss, intertextualidade (substantivo feminino) possui quatro definições:

1. superposição de um texto literário a outro
2. influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida, e que gera a atualização do texto citado

Ex.: Mensagem, de Fernando Pessoa, apresenta i. com a épica camoniana

3. utilização de uma multiplicidade de textos ou de partes de textos preexistentes de um ou mais autores, de que resulta a elaboração de um novo texto literário
4. em determinado texto ou obra de um mesmo autor

Há ainda dois tipos de intertextualidade:

- externa: relação entre dois textos de campo discursivo diferente ou área epistemológica diferente
- interna: relação entre dois textos de mesmo campo discursivo ou mesma área epistemológica

A intertextualidade que faremos aqui será a interna por se tratar de dois textos literários (mesmo campo discursivo e mesma área epistemológica) que se ligam, entrelaçam-se, um ao outro.

O nacionalismo de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa

Falaremos aqui um pouco sobre o aspecto nacionalista da obra de Luís Camões e de Fernando Pessoa.

Os Lusíadas é a principal obra da literatura portuguesa e de certo modo revolucionou o poema épico, pois o aspecto narrativo predomina e não o descritivo; temos também outros aspectos na obra. São eles: os excursos do poeta tanto externos - que são os comentários do próprio Camões - quanto internos - que são as tramas paralelas à trama principal. Podemos dizer que é uma obra suasória (persuasiva), porque Vasco da Gama não é bem o herói, ele está lá representando o “ilustre peito lusitano” (SPINA, 2010, p.138). Além de haver uma mistura da lírica – e Camões faz isso muito bem - com a épica. Podemos dizer que outras obras do mesmo gênero de outras línguas não têm tais atributos e; para Portugal, país que foi grande na época do Império e, principalmente, na época das Grandes Navegações, foi importante esse “passo” a mais já que os próprios portugueses passaram a conhecer melhor a história deles e passaram a ter orgulho da terra deles. O poeta, ao escrever a obra, exalta o passado de glórias do país como podemos ver em um trecho abaixo:

«E porque, como vistes, têm passados Na viagem tão ásperos perigos, Tantos climas e céus experimentados, Tanto furor de ventos inimigos, Que sejam, determino, agasalhados Nesta costa Africana como amigos; E, tendo guarnecida a lassa frota, Tornarão a seguir sua longa rota.

Estas palavras Júpiter dizia, Quando os Deuses, por ordem respondendo, Na sentença um do outro diferia, Razões diversas dando e recebendo. O padre Baco ali não consentia No que Júpiter disse, conhecendo Que esquecerão seus feitos no Oriente Se lá passar a Lusitana gente. ” (Os Lusíadas, Canto I, p.5)

Comprova ainda Segismundo Spina:

o herói do poema é o “ilustre peito lusitano”: são todos aqueles que colaboraram na consolidação poética do Reino, na construção do seu grande império ultramarino e na dilatação da fé cristã. Aliás, Camões nunca disse que iria cantar as façanhas do famoso capitão. O que o poeta propõe, na introdução do seu poema, é cantar as guerras, as navegações e a história portuguesa: as guerras – a de Ourique, a de Slado, a de Aljubarrota – como história da terra; as navegações – como a história do mar; e a história medieval e dos vice-reinados – numa conjugação de história da terra com a história do ultramar [...] (SPINA, 2010, p.138-139)

Figura importante na obra, Dom Sebastião é o enviado de Deus e o poema é dedicado a ele, há uma valorização do passado (o Império português está feito e acabado, completo), é uma narrativa comentada da história portuguesa. Ele (Dom Sebastião) é elevado à condição de mito, pois acreditam que um dia ele voltará e salvará Portugal da profunda tristeza e esquecimento em que se encontra.

Há três mitos que formam a espinha dorsal do poema: o gigante Adamastor, o velho do Restelo e a ilha dos amores; há ação, há temporalidade e Camões eleva Portugal à condição de cabeça da Europa. Não nos esqueçamos da dualidade que há: síntese pagã x síntese cristã. No plano pessoal do poeta, podemos dizer que Camões é

preocupado com a valorização dos heróis porque, no final de cada canto, ele faz comentários a respeito do passado, presente e futuro português em um misto de idealização e realidade.

Falaremos agora sobre Mensagem.

Mensagem, no entanto, não fica atrás da obra acima citada no quesito nacionalismo. Pessoa retrata um Portugal glorioso de modo diferente; para ele, a nação deve olhar para o passado para poder viver bem o presente e reconstruir tudo novamente no futuro. De acordo com Pessoa, haverá um Quinto Império que deverá ser Portugal – olhando aqui novamente para o futuro - como afirma:

«Nesse esquema, porém, que é de Impérios materiais — escreve em 1934 —, o último é plausivelmente entendido como sendo o Império de Inglaterra. Desse modo se interpreta naquele País; e creio que, nesse nível, se interpreta bem. Não é assim no esquema português. Esta, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material da Babilónia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro, o da Cristandade, e o Quarto o da Europa — isto é, da Europa laica de depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá que ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos.» [PESSOA apud CARREIRO – (Fernando Pessoa, *Obra Poética e em Prosa*, vol. III, pp. 711-712.)]

Adolfo Casais Monteiro afirma no livro *A Poesia de Fernando Pessoa* o “olhar futurista e incógnita” do poeta:

A obra de Fernando Pessoa pertence, na sua quase totalidade, ao espírito que duvida e à emoção que não encontra o seu objecto senão na dispersão irremediável do real. Quanto há nela de <<positivo>> iremos encontrá-lo, precisamente, quer no seu nacionalismo sebastianista, quer no seu ocultismo – quer dizer, ainda em formas de crença cujo fulcro é o mistério. (MONTEIRO, 1985, p. 60)

Depois, Monteiro complementa:

E será uma grande desilusão para certas pessoas se um dia tiverem a inteligência para descobrir que, ao escrever a *Mensagem*, Fernando Pessoa tampouco pretendeu *defender* fosse o que fosse, mas apenas objectivar um belo mito. (MONTEIRO, 1985, p. 61)

Monteiro está correto quando diz que Pessoa é positivo e retrata o nacionalismo sebastianista, pois ele olha o passado de maneira orgulhosa, mas acredita ainda que o futuro deverá ser melhor. E sobre Mensagem, ele diz que Pessoa apenas objetiva um belo mito; e é verdade, pois esse mito seria a volta do rei Dom Sebastião; porém, Portugal não deve se prender a isso. A simbologia presente na obra fa-nos compreender isso e é interessante porque cada símbolo remete a uma época marcante do país. Vejamo-los:

- o Brasão representa a terra e remete a Nun' Álvares Pereira,
- o Mar Português representa o mar e remete a Dom Henrique (Infante) e
- o Encoberto representa o ar e remete a Dom Sebastião.

Pessoa, apesar de estar separado cronologicamente de Camões por pouco mais de 3 séculos, também deseja que cada português seja mais valente, mais forte e mais orgulhoso de sua história. Como diz a Cátedra da PUC:

Em ambos os poemas patenteia-se o orgulho da expansão de Portugal em versos como este de Camões: “E, se mais mundo houvera, lá chegara.” (VII,14), ou estes de Fernando Pessoa: “O mar com fim será grego ou romano: / O mar sem fim é

Percebemos aí o patriotismo de Pessoa ao afirmar que “o mar sem fim é portuguez” (PESSOA, p. 54). Dom Sebastião, diferentemente da obra *Os Lusíadas*, assume um papel de mito, há uma “loucura sadia” dele e ele torna-se um sonho, uma ambição. Em *Mensagem*, tudo é considerado mito, há a metafísica do que é SER português, Portugal é uma contemplação de Deus apesar de ser indefinido e representa aqui o rosto da Europa que aguarda ansiosamente o que está por vir (as glórias futuras). Percebemos ainda que há certo sincretismo religioso no decorrer do poema.

Além disso, no plano pessoal do poeta, podemos dizer que a obra dele é mais interiorizada do que a de Camões, ele apresenta na obra tudo aquilo que lhe está na alma e o que acontece no passado, no presente e no futuro da nação.

Ambos os poetas têm por objetivo criticar uma sociedade egoísta que não aspira ao heroísmo nem mesmo valoriza a tradição, a cultura do país. Tanto Pessoa quanto Camões são de grande importância para a cultura portuguesa por vários motivos, dentre eles, o nacionalismo – e por que não dizer de grande importância para a cultura europeia?. Sobre a importância deles, diz Monteiro:

“ Ser-me-à revelado, creio, que ponha agora de parte a ordem cronológica que tenho seguido⁹⁹, para compensar a desanimadora impressão deixada pela *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, ocupando-me agora de um livro publicado em 1947, que suponho ter passado quase, senão inteiramente, despercebido, e onde, todavia, se encontra porventura a mais séria contribuição para um estudo em profundidade da obra de Pessoa. Refiro-me a *Três Poetas Europeus (Camões – Bocage – Pessoa)*, de Mar Talegre (pseudônimo de péssimo gosto, seja-me permitido observar)¹⁰⁰.” (MONTEIRO, 1985, p. 165)

Vejamos que Monteiro refere-se a eles como sendo Europeus, ou seja, significa que ele considera os três de grande importância não só para Portugal, mas também para a Europa. Pois as obras deles foram de tamanha importância que merecem ser lembrados como grandes do Continente, não somente de um país. Isso tudo se deve também ao nacionalismo presente nas obras de Camões e de Pessoa.

Características comuns e diferentes sobre o heroísmo nas duas obras

O heroísmo presente nas duas obras faz parte do nacionalismo, pois acreditava-se na época que sem heróis não há nação. Podemos dizer que em ambas presenciamos as seguintes características: o herói é sempre ajudado pelos Deuses do Olimpo, os autores das obras também são heróis – Camões é o herói humanista e Pessoa, o herói vidente que prevê o futuro da nação – e para eles, para vencer, é preciso sofrer primeiro, ou seja, superar obstáculos. Em *Os Lusíadas*, um dos principais obstáculos é o gigante Adamastor e em *Mensagem*, o Bojador. Carreiro aponta as diferenças no heroísmo das obras:

Os Lusíadas	Mensagem
- Heroísmo factual, ligado aos actos concretos de conquista e domínio, como por exemplo, o elogio à descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama	- Heroísmo de grandeza de alma, cujo herói se distinguirá pelo espírito
- Herói com limitações próprias da	- Herói mitificado, encarnando valores

condição humana.	simbólicos, como por exemplo D. Sebastião – “ Por isso onde o areal está/ Ficou meu ser que houve, não o que há ”
- A esperança está na glória do passado histórico	- A esperança está na projecção futura do sonho, na utopia do Quinto Império

Tabela disponível em:

http://lusofonia.x10.mx/literatura_portuguesa/FP_Mensagem.htm#Comparação_do_conceito_de_heroísmo_n'Os_Lusíadas_e_na_Mensagem Acesso em 29 mar 2016

1 Pós graduanda em Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Presbiteriana Mackenzie

2 Definição baseada na aula de Intertextualidade dada pela Profa. Dra. Cristine Fickelscherer de Mattos dia 19 de março de 2016 na Universidade Presbiteriana Mackenzie

Referências

CAMÕES, L. V. *Os Lusíadas*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=1870 . Acesso em: 15 fev 2016.

CARREIRO, J. *Fernando Pessoa, autor da Mensagem*. Disponível em: http://lusofonia.x10.mx/literatura_portuguesa/Fernando_Pessoa.htm . Acesso em: 28 mar 2016.

CÁTEDRA Padre Antonio Vieira de Estudos Portugueses. *Estudos Camonianos – Os Lusíadas e Mensagem: um jogo intertextual*. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/livropub/camoes08.html> . Acesso em: 28 mar 16.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. [CD-ROM]. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA. São Paulo, Instituto Antônio Houaiss, 2009. 1 CD-ROM, FHS-21805454. Versão monousuário 2009.3.

MONTEIRO, A. C. I Parte: A poesia de Fernando Pessoa - Nem clássico nem romântico. In: BLANCO, J. (Org.). *A poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2ª Ed. 1985, p. 59-66.

_____. II Parte: Fernando Pessoa e a Crítica – [Mar Talegre - <<Três Poetas Europeus – Camões – Bocage - Pessoa. In: _____. *A poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2ª Ed. 1985, p. 165-170.

PESSOA, F. *Mensagem*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf> . Acesso em: 21 mar 2016

SARAIVA, A.J; LOPES, O. 3ª Época: Renascimento e Maneirismo – Capítulo 1. In: _____. (autores). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 17ª ed. 2010, p. 172 – 180.

_____. 7ª Época: Época Contemporânea – Capítulo 3 – Geração de “Orpheu”. In: _____. (autores). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 17ª ed. 2010, p. 993 – 995.

_____. 7ª Época: Época Contemporânea – Capítulo 3 – Fernando Pessoa (n. 1888-06-13 – f. 1935-11-20). In: _____ (autores). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 17ª ed. 2010, p. 997 – 1003.

SPINA, S. *Ensaio de Crítica literária: Os Lusíadas – um milagre da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1ª Ed. 2010, p. 134-143.